

REPORTAGEM DE CAPA

Agricultores plantam «de meia» com ladrões

As lavouras e criações de Campinas (SP) são invadidas e saqueadas à noite por quadrilhas organizadas

LIANA JOHN

Uma nova modalidade de "parceria" vem inviabilizando a agricultura em terras altamente produtivas, no município de Campinas (SP). O produtor fica com os custos e o trabalho e os ladrões ficam com a colheita. Não são saques de pessoas famintas, mas roubo agrícola de grupos organizados: os ladrões esperam o milho, o feijão ou as frutas chegarem ao ponto de colheita, reúnem-se em bandos e invadem as roças, colhendo tudo numa noite só. Depois vendem a colheita roubada. Nas pastagens, cortam as cercas, levam uma ou duas cabeças de gado para matar e vender nos açougues da periferia. Não raro executam vacas leiteiras e até reprodutores.

O problema foi detectado por acaso, durante um estudo de sustentabilidade agrícola, realizado pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental, NMA/Embrapa, com apoio da entidade não governamental Ecoforça e do Rimisp, uma rede internacional de metodologia. "Pretendíamos analisar a produtividade e os problemas da agricultura intensiva de São Paulo e comparar com a agricultura de fronteira, de Rondônia, para chegar a métodos, conceitos e parâmetros de análise da sustentabilidade", explica Evaristo Eduardo de Miranda, do NMA.

Após verificar o uso atual das terras, com o auxílio de imagens de satélite, os pesquisadores fizeram entrevistas com cem dos 500 produtores rurais do município de Campinas. Noventa e três por cento dos entrevistados apontaram a insegurança como o principal problema de sua atividade.

A insegurança manifesta-se em dois níveis. Primeiro, os produtores não sabem se o município prevê agricultura em seu Plano Diretor, e sentem que estão em último lugar entre as prioridades do governo municipal: qualquer estrada, ampliação de aeroporto ou shopping ganha terreno em detrimento da agricultura. "Eles não sabem se será permitida ou não a urbanização de sua área, por isso abandonam os investimentos de longo prazo", pondera Miranda.

O segundo tipo de insegurança é mais direto: eles não sabem se vão colher o que plantaram. "Dá até vergonha de dizer que não planta-

mos nem pro consumo próprio, com toda essa terra aí, mas tudo o que nós plantamos eles levam", lamenta Orivaldo Rodrigues Dourado, administrador de uma granja de leite, de 36 alqueires. "Não podemos deixar nada no campo, nem uma enxada, um encerado, uma peneira de café, muito menos tubulações de irrigação, gado no pasto ou plantações de fácil colheita", conta Leão Ming, de 83 anos, proprietário de 110 alqueires de café, uva e pastagens.

Para eles, a proximidade da zona urbana e o acesso por estradas vicinais — tão importantes para o escoamento da produção — tornaram-se facas de dois gumes, pois também abrem caminho para os ladrões. As cercas comuns não seguram ninguém. As áreas são muito extensas para a polícia e, em muitos casos, pagar um segurança particular pode consumir todo o lucro da produção rural.

Por isso, muitos estão abandonando a produção. Nas áreas de fruticultura, já é comum encontrar plantações de manga, abacate e goiaba de exportação abandonadas, cheias de mato. Os agricultores mais insistentes recorrem à criatividade para defender sua roça.

"Há oito anos substituímos o milho de silagem por sorgo", diz Orivaldo Dourado. Dos 8 alqueires de milho, só sobravam os pés: todas as espigas eram roubadas. Já o sorgo não é comercializado com a mesma facilidade; não serve para consumo humano, então escapa. Só que os silos de sorgo não têm tanta proteína quanto os de milho e é preciso adicionar fubá ou reforçar a ração, o que aumenta o custo e reduz a produtividade.

Além dos problemas com o milho, Dourado perdeu a melhor vaca leiteira do seu rebanho de 72 cabeças. A vaca produzia 32 litros de leite por dia e valia de 1.500 a 1.800 dólares, mas foi retalhada e vendida a algum açougue da periferia como qualquer boi magro. "Uma vaca dessas nem tem muita carne, não dava 11 arrobas", completa o administrador.

Ele agora está construindo uma portaria, vai levantar uma cerca de alambrado e plantar sansão-do-campo em volta da propriedade. "Sansão-do-campo é uma cerca viva de espinhos, pela qual não passa nem um gato", adverte.



Cidade e lavoura: a aproximação da zona urbana às plantações na região de Campinas (SP), além das estradas vicinais, tem facilitado a ação dos ladrões, que não roubam culturas para comer, e sim para vender. Bois e vacas leiteiras também não escapam, sendo mortos, retalhados e tendo depois a carne distribuída pelos açougues da periferia